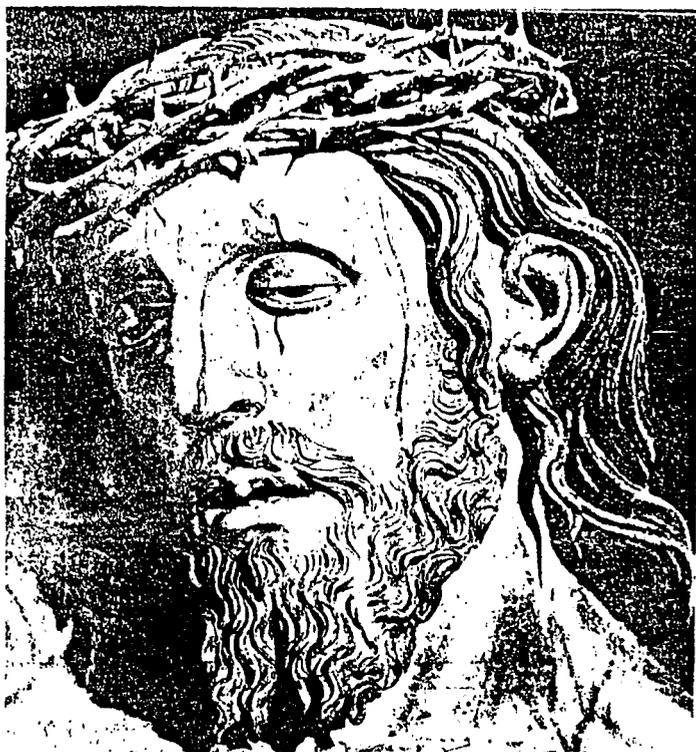




O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



“Sentiu fome O que a todos Nutriu”

Fez desaparecer todo o orgulho da nobreza carnal, nascendo da Mãe não tocada pelo homem, que concebeu e permaneceu intacta – concebendo Virgem, dando à luz Virgem e Virgem morrendo – e era casada com um operário.

Não querendo que ninguém se envaidecesse da importância de qualquer cidade da terra, nasceu na cidade de Belém, tão pequena entre todas as cidades da Judéia que ainda hoje é chamada vila, arraial.

Fez-se pobre – Ele a quem pertencem, e por quem foram criados todos os seres, para que ninguém, crendo n’Ele, ousasse enaltecer-se pelas riquezas terrenas.

Embora toda a Criação testemunhe o seu reino sempiterno, não quis ser aclamado rei pelos homens, para mostrar o caminho da humildade aos infelizes que a soberba separara d’Ele.

Sentiu fome – O que a todos nutriu;

Sentiu sede – Aquele por quem toda bebida foi criada;

Aquele que, espiritualmente, é o Pão dos que tem fome, e a fonte dos que tem sede;

Cansou-se no caminho terreno – Aquele que se fez, a si mesmo, o nosso Caminho para o Céu;

Emudeceu, por assim dizer, e ensurdeceu perante os que O insultavam – Ele, por meio de quem o mudo falou e o surdo ouviu;

Foi preso – Aquele que desatou os laços das doenças;

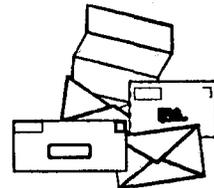
Foi flagelado – Ele que expeliu dos corpos dos homens os flagelos de todas as dores;

Foi crucificado – Ele que ressuscitou os mortos!

Mas também ressuscitou para nunca mais morrer!

Santo Agostinho, falando de Nosso Senhor

Escrevem os Leitores



Envio o comprovante de depósito no valor de R\$.... e peço a Deus que continuem a imprimir esta maravilhosa revista que muitas bênçãos e benefícios tem trazido ao coração de muitos que ainda estavam vacilando na fé. Obrigada por vocês existirem, pois tudo o que fazem é para honra e glória do nome do Senhor.

MARIA DO CARMO SILVA
VITÓRIA - ES

Pela presente, venho mui respeitosamente agradecer à V. Sas pelo abençoado jornal. Muiíssimo obrigado pelo envio do mesmo todos esses anos.

Informo que acabei de mudar de endereço, como segue:....

JOSÉ ANTONIO DA CUNHA
PARANAGUÁ - PR

Caríssimos irmãos, estou escrevendo para informar ao Desbravador, que mudei de endereço. O novo é o seguinte:....

JORGE PINHEIRO
SÃO VICENTE - SP

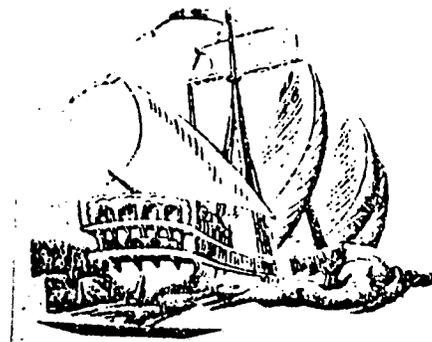
A paz do Senhor Jesus e o amor de Maria! Esta tem a finalidade de parabenizá-los pelo bellissimo trabalho missionário que realizam com vosso boletim informativo. Que este ano de 2004 traga para cada um aquelas graças que Deus Pai deseja conceder a todos pela mediação de seu Divino Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aproveito a ocasião para enviar-lhe o meu novo endereço, pois desejaria muito continuar recebendo seu boletim e notícias. Caso os senhores estejam editando mais algum outro subsídio, peço por gentileza enviar-me, pois aprecio muito seus belíssimos artigos. Ficarei imensamente agradecido.

GENILSON FRIGUIS RIBEIRO
JAÚ - SP

Recebi com muita alegria as publicações de setembro-outubro e novembro-dezembro. Aprecio demais as suas histórias. Vocês nem imaginam como faz bem à nossa alma. Peço a Nossa Senhora que ajude a todos vocês nessa luta de não parar nunca na publicação de tão maravilhosas leituras. Segue uma pequena ajuda, mas é ofertada com muito amor.

EMÍLIA HASEGAWA
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Esse primeiro número de "O Desbravador" do ano de 2004 sai próximo da Semana Santa. Por isso trazemos alguns artigos que falam da Sacrossanta Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Falar da Paixão de Nosso Senhor é lembrar também das dores e lágrimas de Nossa Senhora. O que Nosso Senhor sofreu em seu Corpo, Ela sofreu em seu Coração. Ela levou uma espada que lhe transpassou a alma no dizer do profeta Simeão. Ela compartilhou o amor de seu Filho por nós. E Ela foi também ferida pelos nossos pecados, pois se eles atormentaram a Nosso Senhor, atormentaram também a Ela.

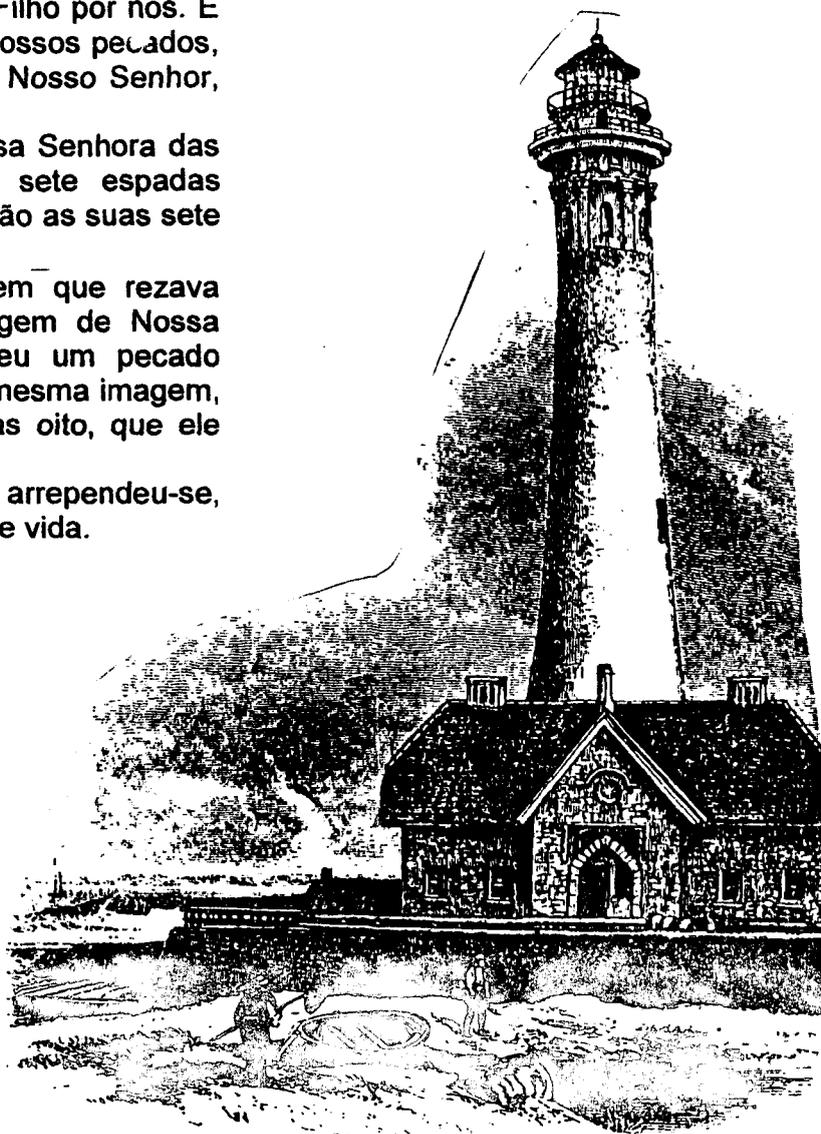
Muitas imagens de Nossa Senhora das Dores A representam com sete espadas cravadas em seu peito, que são as suas sete Dores.

Certa ocasião, um jovem que rezava sempre diante de uma imagem de Nossa Senhora das Dores, cometeu um pecado mortal. Ao ir rezar diante da mesma imagem, notou não sete espadas, mas oito, que ele entendeu ser o seu pecado.

Aquilo o tocou, ele arrependeu-se, confessou-se bem e mudou de vida.

Que nós também nos arrependamos de nossos pecados que ofendem os Corações de Jesus e de Maria e imitemos esse jovem, confessemos nossos pecados a um padre e mudemos de vida.

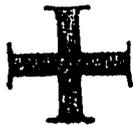
Peçamos à Mãe das Dores que nos dê essa graça. Rezemos a Ela e seremos atendidos.



TANTO AMOR MERECE O NOSSO AMOR

Sabemos que com sua Paixão e Morte, Nosso Senhor Jesus Cristo satisfaz à Justiça Divina e nos redimiou do pecado, obtendo-nos a salvação.

Era preciso, nesse sentido, um Ato d'Ele, pois tal ato, sendo Ele Deus, teria valor infinito. Esse ato poderia ser uma gota de sangue derramada, uma lágrima vertida. Mas, Nosso Senhor quis fazer muito mais e assim melhor demonstrar seu amor por nós, por cada um de nós.



O que Ele sofreu, não teríamos jamais palavras para descrever. Mas, tentaremos resumir um pouco para que sintamos a imensidão de seu amor por nós.

Em primeiro lugar, vejamos da parte de quem sofreu. Sofreu por obra dos romanos: Pilatos assinou sua condenação, os soldados O chicotearam, pregaram na cruz, desvestiram-no. Sofreu da parte dos judeus: o Sinédrio, que tramou sua morte, e o povo que gritou: "Crucifica-O, crucifica-O".

Seus discípulos: um O traiu, Judas, um O negou, Pedro, muitos O abandonaram, sendo que um deles, ao fugir teve suas vestes presas em uma árvore. Sofreu da parte de um rei, Herodes, de governante, como Pilatos, do povo.

Sofreu vendo sua Mãe sofrer e chegou a dizer: "Meu Pai por que me abandonaste?"

Sofreu em seu corpo chicotadas, com ossos e ganchos, coroação de espinhos, suor de sangue, quedas, cravos nas mãos e pés, sofreu as dores na cruz, a perfuração pela lança.

Disse um cirurgião que Ele teve fortíssima infecção e febre altíssima.

Sofreu em seu coração o abandono dos apóstolos, a agonia no horto, as injúrias que recebeu. Em suma, sofreu tudo isso e teria sofrido se somente houvesse um único pecador.

Amou-nos até o fim.

Portanto, caro leitor, Ele nos resgatou, a mim e a ti, sofrendo tudo o que sofreu.

E qual será nossa resposta a isso?

Só deve ser uma: correspondermos a tanto amor, com nosso amor, com nossa fidelidade, com uma vida santa, com nosso serviço.

Isso está a seu alcance. Reze a Nossa Senhora e peça que Ela lhe dê graças para responder ao Amor do Redentor por sua alma.



ANCHIETA O CATEQUISTA DAS SELVAS

Estamos nas selvas do Brasil, pouco depois do descobrimento. Por sobre as águas quase paradas de um rio, navega uma canoa impulsionada pelos remos de oito índios. Sentado no centro da pequena embarcação, vai um pequenino padre corcunda, rezando. O calor, aliado ao mormaço que se desprende das águas é terrível, e apenas suavizado pela brisa que sopra. Os índios, suando, continuam a remar. Quando o sol chega ao alto do céu, repentinamente a brisa cessa de soprar. E só fica a calmaria, o mormaço, o terrível calor do sol, que nuvem alguma surge para tapar. O padre continua tranqüilo rezando o seu breviário, mas os selvagens não agüentam mais. E se voltam para o sacerdote, queixando-se do calor.



O padre levanta a cabeça e sorri. Vendo que num galho, à beira do rio, estão

pousados três ou quatro pássaros da selva, ele se volta para eles, e lhes fala, na língua dos índios: “Ide, chamai vossos companheiros, vinde nos fazer sombra!”. As aves alçam vôo, os índios se entreolham, assustados. Em breve, uma grande multidão de pássaros se aproxima, voando sobre o rio. Ao chegar sobre a canoa, todos se juntam formando uma nuvem viva, que bloqueia os inclementes raios de sol. Depois de uma légua, quando um vento fresco novamente começa a soprar, o padre agradece às aves e as despede, voltando à sua oração. Os índios, temerosos e pensativos, continuam remando. O Padre José de Anchieta estava chegando para mais uma missão.

“Os pássaros atendiam ao seu apelo, as cobras e outros animais selvagens perdiam sua agressividade diante dele; pela simples invocação de seu nome, índios ferozes submetiam-se como cordeiros...” Anchieta foi o homem enviado por Deus para batizar o Brasil. Nascido nas Ilhas Canárias, era desde a meninice devotíssimo de Nossa Senhora. Jovem ainda fez voto de castidade, dedicando-se à Virgem Santíssima. Tendo ido estudar com os jesuítas em Portugal, entrou para a Companhia de Jesus e veio para o Brasil ainda estudante. Aqui tornou-se padre e, como tal, percorreu nossa terra inúmeras vezes. Fundou São Paulo, colaborou na fundação do Rio de Janeiro, pacificou os Tamoios, ocasião em que compôs, nas praias de Iperoig, o maravilhoso “Poema da Virgem”, em louvor a Nossa Senhora. Este poema, escrito em pagamento de uma promessa, foi feito sobre as areias da praia, e o bom padre o decorou maravilhosamente, tendo depois passado para o papel.

Autor do primeiro dicionário em língua tupi, escritor de peças teatrais que visavam a catequese dos indígenas, provincial dos jesuítas no Brasil, foi, acima

de tudo, um apóstolo que lançou no povo brasileiro a semente de catolicidade, os germens da fé. Também foi o civilizador de nossa pátria recém descoberta, onde deixou os princípios culturais fortemente implantados.

Após dedicar perto de meio século à Igreja e ao Brasil, morreu em Reritiba, Espírito Santo. Seu enterro foi uma verdadeira apoteose.

Por devermos tanto a este servo do Senhor, que tanto bem nos fez, queremos lembrar aos leitores alguns de seus magníficos milagres, para os estimular a pedir muitas graças por sua intercessão e para sua canonização.

Que o Bem Aventurado Padre Anchieta nos abençoe, e que logo possamos, com toda a alma, dizer: "São José de Anchieta, rogais por nós!".

Um Mergulho de Meia Hora

Além de ser um dos fundadores da Vila de São Paulo, Anchieta a salvou, mais de uma vez, da destruição. Certa vez, alguns bandidos se infiltraram entre os índios tupiniquins, atizando-os para que destruíssem a vila. Sabendo que os índios respeitariam somente a ele, o Padre Anchieta tomou um barco para ir falar com os selvagens. No lugar onde o rio forma uma queda, os remadores não conseguiram controlar a frágil embarcação, que em poucos instantes, despencou cachoeira abaixo. Nesse lugar, o rio tinha mais de quinze metros de profundidade. Os índios remadores logo se salvaram nadando, mas o Padre Anchieta afundou. Passado algum



tempo, o índio Araguaçu mergulhou por duas vezes, tentando localizar o corpo do servo de Deus. Na segunda vez, depois de meia hora do acidente, conseguiu trazê-lo à superfície, escorrendo água, mas sem a menor lesão. Quando lhe perguntaram o que estivera fazendo debaixo da água, Anchieta respondeu: "Eu estava rezando o ofício de Nossa Senhora".

O Morto Ressuscita

Na Vila de Santos, em casa de Domingos Dias, havia morrido um índio de nome Diogo. Algumas horas após a morte, as pessoas notaram que o índio se movia. Aproximou-se a senhora da casa e ouviu Diogo dizer: "Vão chamar o Padre Anchieta, para me batizar". Disseram-lhe que o padre estava longe, mas o índio

afirmou que não, que o fossem procurar porque sua alma o havia encontrado ali perto, e que lhe havia mandado que voltasse ao corpo para ser batizado.

Realmente encontraram Anchieta por perto. O padre foi imediatamente batizar o índio, após o que, este tornou a morrer. Anchieta comentou que pela salvação daquela alma julgava bem empregada sua vinda ao Brasil e todos os seus trabalhos. Este fato é atestado por inúmeras testemunhas, e consta do processo de beatificação.

O Barril de Azeite

Quando o Padre Anchieta era superior dos jesuítas de São Paulo e de São Vicente, ocorreu uma grande falta de azeite em toda a Capitania. No convento de São Vicente havia apenas um barril com um pouco de azeite, que deveria ser distribuído ainda para o colégio de São Paulo e para os pobres. Quando o azeite acabou, o irmão cozinheiro procurou o padre Anchieta para saber se poderia usar o barril para outra coisa. Mas, Anchieta mandou que ele não o tirasse do lugar e continuasse retirando o azeite e distribuindo aos pobres, largamente.

Durante dois anos o cozinheiro continuou retirando azeite do barril vazio. Esse milagre despertou grande admiração, pois todos sabiam que Deus multiplicava o azeite pelas orações do Padre Anchieta.



Infelizmente, o Brasil de hoje, tem se afastado dos ideais pelos quais viveu o Bem Aventurado Padre Anchieta. Rezemos e trabalhemos nós, quais outros Padre Anchieta, para que a obra iniciada pelo grande jesuíta redunde num Brasil verdadeiramente católico.

Assim como Anchieta converteu tantos selvagens, esperamos que ele alcance de Nossa Senhora a graça de mudar os corações endurecidos de tantos brasileiros de hoje, muito mais selvagens que os índios do século XVI.



Voltando à despensa, o Padre Antônio encontrou azeite no barril. E assim continuou por mais dois anos, quando chegou de Portugal o navio que trazia provisões para o Colégio. Realizara-se mais um milagre de Anchieta.



Sobre a Obra dos Jesuítas no Brasil

O professor Jean Dellumeau da Academia Francesa já disse, com muita propriedade, que o Brasil era filho dos Jesuítas.

Na verdade não fosse a atuação de Nóbrega, Anchieta e outros jesuítas, não se teriam pacificado os índios, não seriam eles catequizados e civilizados. Mais, sem a obra deles, alguns colonos portugueses teriam praticado excessos que dificultariam a construção de um Brasil Católico.

Apesar disso, há uma série de ataques à obra desses grandes homens, pais de nossa nacionalidade.

Assim, alguns dizem que a obra deles só foi possível por força das armas portuguesas.

Para esses, gostaríamos de citar apenas um fato: a pacificação dos tamoios em Iperoig.

Eram os tamoios uma tribo terrível, assim como eram terríveis seus chefes: Caoquiera e Cunhambebe. Este último se vangloriava de ter devorado carne humana de 10.000 pessoas.

Aliados dos invasores franceses, os tamoios planejavam uma revolta na qual massacrariam todos os povoados dos portugueses e matariam seus habitantes.



Para pacificá-los, o Padre Nóbrega e o então irmão José de Anchieta partem para Iperoig (atual Ubatuba) sozinhos, sem forças, a não ser a da Fé, armados com a Cruz e o Rosário.

Chegando a Iperoig, com sua firmeza, bondade e coragem eles não são tocados pelos tamoios. Na manhã seguinte de sua chegada, já é rezada Missa pelo Padre Nóbrega. Aos poucos os índios se amansam e concordam em fazer a paz com os portugueses. Mas, fazem algumas exigências. Então o Padre Nóbrega parte para São Vicente, em companhia de alguns índios, e Anchieta fica como refém.



Anchieta aceita a missão e fica rezando. Teme pela sua vida, teme pela sua virtude, mas confia em Nossa Senhora e, em honra dela, compõe seu grandioso poema nas areias de Iperoig.

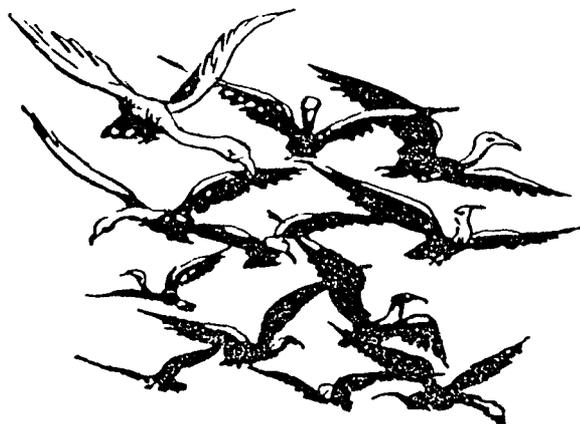
Cena imortalizada por poetas e pintores. Cena sublime e singela, ao mesmo tempo, quando um pássaro vinha e pousava no ombro do Apóstolo do Brasil.



5744 versos que ele grava e depois passa para o papel. Os índios que a tudo assistiam convertem-se e o próprio Cunhambebe se batizará depois.

Quando voltam os que tinham acompanhado o Padre Nóbrega, a paz estava selada. E, além disso, os índios se converteriam à verdadeira Fé.

Aonde está a conversão forçada dos índios que alguns fanáticos anti-católicos



apregoam? Outros dizem que os jesuítas faziam seu trabalho por interesse material.

Homens como Nóbrega e Anchieta, morreram pobres. Ainda hoje se vê em São Paulo a roupa de Anchieta cheia de furos, roupa pobre e velha.

Aonde o interesse material? Em lugar nenhum. O interesse deles era um só: a glória de Deus e a salvação das almas. Haja visto que quando batizou um menino índio moribundo, Anchieta disse que só essa alma já justificava sua vinda ao Brasil.

RIPAX
Premium
Quality
Paper **Laser 75**

Imprimimos
com

UM FATO EXTRAORDINÁRIO

Um bom homem, católico fervoroso, estava desempregado, suas economias estavam no fim e não tinha como sustentar sua esposa e filhos.

Suas reservas gastara no sustento dos seus. Só lhe restavam uns trocados que dariam para o almoço de um dia.



Eis que ele resolve fazer algo inesperado. Manda celebrar uma missa, por uma alma do purgatório necessitada. Paga a espórtula com os trocados que lhe restavam. Assiste ao Santo Sacrifício da Missa e comunga pela alma necessitada.

Terminada a missa, ao sair da igreja, é abordado por um senhor de porte aristocrático, que lhe diz: “o senhor está precisando de emprego” “vá a tal rua, tal número na firma x e diga que eu mandei que lhe dessem um emprego”.

Ele se dirige à firma, fala o que lhe fora dito, mas recebe como resposta que não havia emprego disponível. Ele, então, fala que fora o senhor do quadro na parede quem lhe dissera para pedir emprego.

O dono da empresa, espantado, diz: “como? Aquele é meu avô, o fundador da empresa e que morreu faz 40 anos!”

Então, o desempregado conta toda a história e o dono da firma entende que a Santa Missa fora aplicada a seu avô e o levava para o céu, e que aparecera para recompensar seu benfeitor. O dono resolve, então, empregar o bom homem.

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, “O Desbravador” deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

MIGUEL

Esta é a verdadeira história de um “marine” (fuzileiro naval) ferido na Coréia, em 1950. Escrevendo para sua mãe, ele lhe contou sobre um encontro fascinante que teve durante a guerra.

O Padre Walter Muldy, capitão da Marinha, que conversou com o fuzileiro e sua mãe, e também com o comandante da unidade militar do jovem – sempre afirmou a veracidade desta narrativa. Nós a ouvimos de uma pessoa que leu a carta original e narra a história em seus mínimos detalhes e na primeira pessoa, para melhor transmitir algo do impacto que o fato deve ter causado quando – pela primeira vez – foi contado pelo filho à sua mãe.



Querida mamãe:

Escrevo à senhora de uma cama de hospital. Mãe, estou bem. Fui ferido, mas o doutor disse que logo estarei de pé.

Mas, não é sobre isso que eu preciso escrever-lhe. Algo aconteceu comigo que não ousei contar a ninguém com medo de que não acreditem. Mas, preciso contar à senhora – única pessoa em quem posso confiar, embora mesmo a senhora possa achar difícil de acreditar.

A senhora se recorda da oração a São Miguel que a senhora me ensinou a rezar, quando eu era pequeno? “Miguel, Miguel da manhã...” Antes de partir para a Coréia, a senhora recomendou com insistência que eu me lembrasse dessa oração antes de qualquer confronto com o inimigo. Mas, realmente, mãe, a senhora não precisaria me ter lembrado isso. Eu sempre a rezei e quando cheguei na Coréia, freqüentemente

eu a rezava, várias vezes durante o dia, enquanto marchava ou descansava.

Bem, um dia, fomos convocados para fazer um reconhecimento em busca de Commies (NT: nome dado aos guerrilheiros comunistas). Era um dia em que fazia muito frio. Quando já havia caminhado um tanto, percebi um outro soldado andando ao meu lado e eu olhei para ver quem era.

Era um rapaz alto, um fuzileiro de cerca de 1,90m e constituição forte. Estranho, mas eu não o conhecia e pensei que nunca o havia visto em minha unidade. Fiquei satisfeito por ter companhia e quebrei o silêncio entre nós.

- “Faz frio, hoje, não?” Comecei então a rir baixinho, porque, de repente me pareceu um absurdo conversar sobre o clima, quando estávamos avançando para enfrentar o inimigo!

Ele também riu suavemente.

- “Acho que conheço todo mundo em minha unidade”, continuei, “mas nunca o vi antes”.

- “Não”, ele concordou. “Eu acabo de chegar, meu nome é Miguel!”

- “Verdade? É meu nome também”.

- “Eu sei” – disse o fuzileiro. “Miguel, Miguel da manhã...”



Mamãe, fiquei realmente surpreso que ele soubesse assim minha oração, mas eu havia falado dela a tantos rapazes, que supus que o recém-chegado ouvira falar disso através de algum deles. Na verdade, isso se tornara tão conhecido, que alguns de meus companheiros me chamavam de “São Miguel”.

Então, de repente, Miguel disse: -
“Vamos encontrar problemas à frente”.

Surpreendi-me, pois não podia perceber como ele sabia disso. Eu respirava fortemente, por causa da marcha e meu hálito enchia o ar frio com densas nuvens de neblina. Miguel parecia estar em ótima forma, porque eu não percebera sua respiração, até então. Nesse momento, começou a nevar tão fortemente, que logo não mais pude ouvir ou ver o restante da minha unidade. Fiquei um pouco assustado e gritei: “Miguel!”

Senti, então, sua forte mão em meu ombro e ouvi sua voz: “Vai clarear logo”.



De repente, a nevasca parou. E então, a uma pequena distância de nós, assustadoramente reais, estavam sete Commies, eu diria quase cômicos com seus chapéus típicos. Mas não havia nenhuma graça em suas atitudes: suas armas estavam engatilhadas e apontadas exatamente em nossa direção.

“Para baixo, Miguel”, gritei, e mergulhei para me proteger. No chão, olhei para cima e vi Miguel ainda em pé, paralisado, e achei que era por medo, como julguei naquele momento. Balas espocavam de todos os lados e, mamãe, não havia lugar que os comunistas não atingissem a tão curta distância.



Pulei para fazê-lo deitar-se e foi então que fui ferido. Senti a dor como uma forte queimadura em meu peito e desmaiei. Enquanto ia perdendo os sentidos, ainda me recordo que pensei: “devo estar morrendo”. Alguém estava me erguendo, braços fortes me seguravam e me colocavam, com cuidado, sobre a neve.

Apesar do choque, abri os olhos e o sol pareceu penetrar neles. Miguel ainda estava em pé e havia um enorme clarão em sua face. De repente, abrasou-se como o sol, um resplendor o rodeava intensamente, como as asas de um anjo. Quando perdi a consciência, ainda vi que Miguel segurava uma espada em sua mão e que ela faiscava como milhares de luzes.

Mais tarde, quando recobrei os sentidos, meus companheiros vieram me ver, com o sargento.

- “Como você fez isso, filho?” – ele me perguntou.

- “Onde está Miguel?”

O sargento pareceu intrigado.

- “Miguel, o fuzileiro alto, que andou comigo até o último momento. Eu o vi, quando desmaiei”

- “Filho” – o sargento disse gravemente. “Você é o único Miguel em minha unidade. Posso pesquisar entre todos os demais soldados, mas só há um Miguel – você. E, filho, você não estava caminhando com ninguém. Eu o observava, porque você se distanciou muito de nós, e fiquei preocupado. Agora, conte-me, como você fez isso?”

Era a segunda vez que me fazia essa pergunta, e eu me irritei.

- “O que eu fiz?”

- “Como você matou aqueles sete guerrilheiros comunistas?”

- “O quê!?”

- “Vamos, filho, eles estavam estendidos ao seu redor, cada um morto por um golpe de espada”.

Este, mamãe, é o fim de minha história. Pode ter sido o ferimento, o clarão do sol ou o frio. Eu não sei, mamãe, mas de uma coisa estou certo: ISTO ACONTECEU!...

(Traduzido de: Crusade – nov/dez – 2002.
Tradução com pequenas alterações para adaptar ao português).

A Vacina da AIDS

Os meios de comunicação, atualmente, falam pouco, mas a terrível e mortal AIDS continua matando em grande escala e continua se espalhando de forma devastadora.

A busca por uma vacina ainda não progrediu e as infames campanhas não produzem efeitos para diminuir a propagação do terrível vírus HIV.

Entretanto, existem as vacinas contra a AIDS. E tem eficiência e eficácia comprovadas. Chama-se castidade, chama-se fidelidade conjugal. Sim, sua eficácia e eficiência não deixam dúvidas.

Recentemente lemos que Uganda, país africano, que possuía enorme incidência da moléstia, conseguiu significativos resultados no combate à terrível doença com campanhas que pregam valores morais básicos: castidade perfeita e fidelidade conjugal.

Entretanto, muitos governantes continuam querendo apagar fogo com gasolina, isto é, distribuindo os famigerados "preservativos", e com isso aumentam a licenciosidade e, em consequência, a doença. E nós aqui perguntamos: por que não querem ver que suas campanhas não funcionam? Por que tanto ódio e repulsa à moral católica, no caso à castidade perfeita e à fidelidade conjugal?

Sim, existe verdadeiro ódio à moral cristã. Um jovem que se propõe a ser casto, uma jovem que quer guardar sua virgindade, uma mãe que aceita os filhos que Deus lhe manda, são vistos como monstros, são atacados, combatidos e ridicularizados.

Por exemplo, há tempos atrás uma atriz disse que era virgem. Foi o que bastou para ela ter em público um linchamento moral. Por que tal ódio?

Na verdade é inveja dos impuros, para com os castos. É raiva porque os castos são puros e eles, impuros, não o são. É o ódio porque aquele que vive a moral católica o critica, mesmo sem nada dizer.

Mas, é mais que isso, é um ódio sem tamanho a Deus e sua Lei. Ódio do mal ao bem.

Estranho, somente nos caminhos de Deus o homem pode ser feliz, entretanto, os homens rejeitam ao Criador e suas leis para se afogar nas maiores baixezas, que só infelicitam o ser humano nesta vida e o condenam na eternidade aos suplícios eternos.



Pasteur e os três jovens

Louis Pasteur foi um dos maiores cientistas de todos os tempos e cremos que foi o maior do século XIX. A ele devemos a pasteurização do leite, da cerveja e do vinho; foi ele o responsável pela assepsia das mãos de médicos e parteiras nos partos; foi também ele quem descobriu a vacina anti-rábica e demonstrou a impossibilidade da geração espontânea.

Por outro lado, ele era homem de grande Fé, católico exemplar, e mais de uma vez, ele atribuíra suas descobertas a sua Fé.

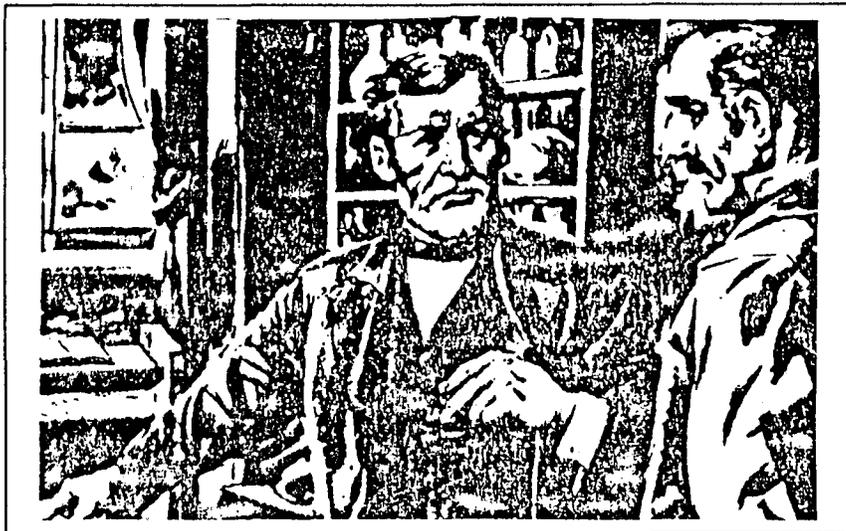
Certa ocasião, já velho, doente e consagrado por suas descobertas, ele voltava para Paris, aonde iria trabalhar em seu Instituto.

No trem que viajava, puxou seu terço e se pôs a rezá-lo. Eis que, em uma das paradas, entram três jovens estudantes que o vêem rezar. Riem-se dele e depois vão lhe dizer que rezar era coisa do passado, que em plena "era da ciência" não cabiam mais coisas como aquela, que a ciência se opunha à oração, que entendiam isso num velho desconhecedor da ciência etc.

Pasteur os acolheu bem e começou a entabular amena conversa com eles, conquistado-lhes a simpatia.

Eles se agradaram com ele e, ao chegarem a Paris, disseram que queriam vê-lo de novo. Pasteur os convidou para o visitarem e lhes deu seu cartão de visitas, aonde se lia seu nome.

Eles não tiveram o que dizer e, envergonhados, calaram-se para não dizerem mais besteiras.



SUAS MÃOS FAZIAM O BEM. POR ISSO AS ATARAM.

Por que foi o Senhor manietado por seus algozes? Por que impediram eles o movimento de suas mãos, prendendo-as com duras cordas? Só o ódio ou o temor poderiam explicar. Por que odiar assim estas mãos? Por que temê-las?

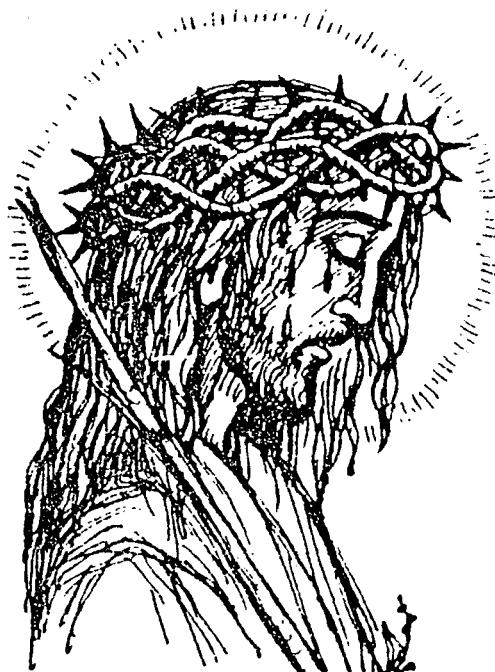
A mão é uma das partes mais expressivas e mais nobres do corpo humano. Quando os Pontífices e os pais abençoam, fazem-no com gesto de mão. Quando o homem inocente é perseguido se vê saturado de dores e apela para a justiça divina, seu último amparo contra a maldade humana são as mãos. Para rezar, o homem junta as mãos ou as levanta ao Céu. Quando ele quer simbolizar o poder, empunha o cetro. Quando fala às multidões, o orador acentua com as mãos a força do raciocínio com que convence ou a expressão das palavras com que comove. É com as mãos que o médico ministra o remédio e o homem caridoso socorre os pobres, os anciãos, as crianças.



E por isto os homens osculam as mãos que fazem o bem, e algemam as mãos que praticam o mal.

Vossas mãos, Senhor, o que fizeram? Por que foram atadas?

Com bondade infável, assumistes nossa natureza humana. Quisestes ter um corpo humano, por amor do homem. É para fazer o bem que foram criadas vossas divinas mãos.



Quem pode dizer, Senhor, a glória que essas mãos, agora sangrentas e desfiguradas, e entretanto tão belas e tão dignas desde os primeiros dias de vossa infância, deram a Deus quando sobre elas pousaram os primeiros ósculos de Nossa Senhora e de São José?

Quem pode dizer com quanta meiguice fizeram a Maria Santíssima o primeiro carinho? Com quanta piedade se uniram pela primeira vez em atitude de prece? E com quanta força, quanta nobreza, quanta humildade trabalharam na oficina de São José?

Mãos de Mestre, mas também mãos de Pastor. Não ensináveis, apenas, mas guiáveis.

Vossas divinas mãos tiveram virtudes misteriosas e sobrenaturais para afagar os pequeninos, acolher os penitentes, curar os

entêrmos. Mãos tão sobrenaturalmente fortes, que ao seu império vergavam todas as leis da natureza, e ao seu aceno a dor, a morte e a dúvida fugiam.

Mas, estas mãos que foram tão suaves para os homens retos como João, o inocente, e Maria Madalena, a penitente, estão mãos foram também terríveis para o mundo, o demônio e a carne.

Por que estão, então, atadas e postas em carne viva? Porventura por obra dos inocentes, dos penitentes? Ou antes, por obra dos que delas receberam merecido castigo e contra este castigo diabolicamente se revoltaram? É por que alguém receasse ser curado? Ou afagado? Quem porventura teme a saúde? Ou que odeia o carinho?



Senhor, para compreender essa monstruosidade, é preciso crer no mal. É preciso reconhecer que tais são os homens, que sua natureza facilmente se revolta contra o sacrifício, e que entra no caminho da revolta, não há infâmia nem desordem de que não seja capaz. É preciso reconhecer que vossa lei impõe sacrifícios, que é duro ser casto, ser honesto, e em consequência é duro seguir vossa lei. Vosso jugo é suave, sim, e vosso peso é leve. Não porém porque não seja amargo renunciar ao que em nós há de animal e desordenado, mas porque Vós mesmo nos ajudais a ser fiéis.

E quando alguém diz não, começa a Vos odiar, odiando todo o bem, toda a verdade, toda a perfeição de que sois a própria personificação.

Curioso paradoxo. Vossos inimigos continuam a temer vossas mãos, embora atadas. E por isso vos matarão. Amam tanto o mal, que percebem, ainda sob a humilhação das cordas que Vos prendem, toda a força de vosso poder... e tremem! Morto, ainda incutis terror. É necessário lacrar vosso sepulcro e cercar de guardas armados o vosso cadáver.

Ó Senhor, quantas vezes vossos adversários tremem diante de vossa Igreja, enquanto seus filhos, que deveriam crer nela vendo-a manietada, reputam tudo perdido! E pactuam com os inimigos!

Que lição! Nossa esperança não deve estar nas concessões, nem na adaptação aos erros do século. Nossa esperança está em Vós, Senhor. Atendei às súplicas dos justos que Vos imploram por meio de Maria Santíssima a cessação da crise em que se debate a Vossa Igreja, em nossos dias. (ABIM)

